



**Auroville, 2046**  
Depois do fim de um mundo

Débora Nunes



Débora Nunes é doutora em Urbanismo Participativo na Université Paris XII e tem três pós doutorados na França e na Índia. É autora de diversos livros e artigos nos campos da democracia participativa, da ação comunitária, da economia solidária e da transição ecológica urbana e pessoal. É membro da rede internacional Diálogos em humanidade e de outras redes cidadãs e professora e pesquisadora na Universidade do Estado da Bahia. Fundou a Escola de Sustentabilidade Integral que se baseia no paradigma quântico holístico ecológico e propõe uma formação envolvendo a mente, o corpo, o coração e a alma para a transformação pessoal e do mundo.

*Outro mundo é possível,  
e está em construção*

Agradeço a todas as pessoas que tornaram possível a existência deste livro e sua edição em várias línguas.

Ilustração da capa:

Sandra Fergusson (Austrália) e Prabhakaram (Índia).

Tradução:

Christine Bisch, Nadine Outin and Simone Kunegel (France),  
Emerson Sales (Brazil), Shanti (USA-India),  
Alícia Blanco (Argentina) and Joana Aluna (Spain).

Imagens, ilustrações e edição:

Ciro Sales, Raquel Souza e Bárbara Almeida (Brasil).

Salvador, Bahia, Brasil – 2020

Contato da autora:

[esideboranunes@gmail.com](mailto:esideboranunes@gmail.com)

**Débora Nunes**

# Auroville, 2046.

Depois do fim de um mundo

Salvador, Brasil,

Março 2020.

# Kali Sashtra<sup>1</sup>

Marcus Bussey,  
Tradução Débora Nunes

Olhos vermelhos e raios!  
O que você esperava? Temos sido tão complacentes,  
apenas surfando na onda do bom karma  
geralmente alheios ao custo disso,  
entregando-nos a um tipo de progresso insolente  
tornando-nos chochos,  
felizes de brincar com nossos brinquedos;  
Seguros em nossas ilusões,  
e ela entrou, destruindo as fundações.  
Nosso arranha céu balança, as janelas se quebram.  
A Pobreza e Planeta nos chamam para prestar contas!  
A matéria é vazia quando a alma está ausente  
E a doença escava a caverna da alma,  
homens e mulheres estão ociosos  
dançando em desespero quando as luzes se apagam.  
A Mãe sombria, furiosa em sua indignação  
lança pedras e raios,  
Deixa que os demônios nos sufoquem  
solta os asuras da dúvida, poderoso miasma,  
e eles esvaziam o balde de toda esperança,

---

<sup>1</sup> Deusa hindu que é frequentemente vista atacando as forças do mal. Ela também é a Deusa mãe ou a Mãe do universo. Sastra significa um conjunto de regras, um tratado, lição ou manual.

impedem toda ação  
e jogam, sobre o mundo civilizado,  
toda sua feiúra e inutilidade.  
Esse é o estalo, Kali com o coração despertado  
derruba nossos hábitos, zomba de nosso orgulho  
envenena o futuro com nossa própria sujeira.  
Os líderes estão perdidos e as pessoas entram em pânico.  
Medo - em toda parte - como o cheiro de sangue seco  
e excrementos, se espalha por todos os cantos.  
Ela vai dançar bem em nossas cabeças;  
Ela vai zombar de nós e gargalhar;  
Ela abalará as fundações de todas as esperanças;  
Esmagará todas as certezas!  
Ela vai lavar o mundo em sangue e  
sangrar as vaidades de nossas suposições;  
Ela vai virar a política ao avesso,  
Colocar relacionamentos de cabeça pra baixo, esmagar economias;  
Ela não fará prisioneiros enquanto fugirmos  
sua ira queimando nosso cangote.  
Ela não deixará nada intocado;  
Não há bons moços agora.  
O *Kurukshetra*<sup>2</sup> é lavado.  
Kali é a rainha dos malditos e dos penitentes  
Agora nosso *dharm*<sup>3</sup> é dançar com ela!

---

<sup>2</sup> O campo de batalha no qual se passa o Bhagavad Gita. Metáfora para o campo de batalha da vida.

<sup>3</sup> Termo em sânscrito que significa aproximadamente “justiça”, mas mais do que isso, o princípio que sustenta uma coisa, sua essência definidora.

## **Percurso:**

Um olhar do futuro lançado sobre o passado	9
Auroville: a cidade da aurora prevista por Sri Aurobindo	13
O mundo de Indra: engajamento e solidariedade	17
As águas que assustam e trazem a mudança	23
A anástrofe se anuncia: superar a catástrofe	29
A alegria de estar juntos para o Bem Viver	35
A Mãe Terra reencontra seu equilíbrio	41
Um raio de sol que anuncia um novo mundo	47





**Um olhar do futuro  
lançado sobre o passado**



Tinha 98 anos e ainda podia meditar em posição de lótus sem nenhum desconforto. O momento era importante, o governo da Índia propunha uma nova legislação para Auroville, após 78 anos de fundação. Lembrava de quanto esforço fora necessário para que o estatuto da cidade tivesse certa autonomia em relação ao do país, permitindo assim que o laboratório humano da experiência única de Auroville pudesse se desenvolver. A proposta governamental era de acabar com isso e Auroville tornar-se-ia uma cidade indiana comum. Como vinha sendo feito há décadas a cada momento decisivo ou a cada morte de um habitante, centenas de aurovillianos se reuniam embaixo do banyan sagrado. O banyan tinha testemunhado a criação da cidade e o Matrimandir, o templo central, ficava ao lado. Ali eles e elas se encontravam para meditar quando a comunidade se sentia particularmente tocada. Esses momentos eram muito importantes para o aurovilliano e ela não poderia deixar de estar lá.

Auroville tinha sido a coisa mais importante de sua vida. Com 18 anos, contra a vontade dos pais, decidiu juntar-se ao projeto da “Mãe” de experimentar em escala real as ideias de Sri Aurobindo e fundar a cidade da aurora, um protótipo da nova humanidade, pacífica, democrática e solidária. Junto com outros jovens vindos de diversas partes do mundo, Indra entrou na aventura. Tinha estudado até então no Sri Aurobindo Ashram, uma

escolha de sua família que ela adotara com devoção. Nascida em Pondicherry, esse era um destino comum dos filhos dos devotos de Sri Aurobindo: a escola era de excelente qualidade, proporcionava uma educação integral, envolvendo a mente, o corpo e o espírito, e aceitava meninas como ela, que recebiam a mesma educação dos garotos, diferente de outras instituições da Índia dos anos 50. Para seu pai, que ela cursasse a escola do mestre Aurobindo e da “Mãe” era uma coisa, entrar em um projeto tão visionário como o de Auroville não era para uma moça de família como ela. Bateu o pé, e foi.

Com o tempo, a família aceitou sua escolha e ao longo da vida recebeu os pais e os irmãos muitas vezes em sua casa, quando ela passou a ter uma. Por anos, morou em cabanas construídas por ela mesma e seus companheiros cabeludos. Auroville tinha sido fundada em 1968 e os habitantes poderiam ser confundidos com os hippies de qualquer cidade europeia, e os europeus fundadores foram muitos, particularmente franceses. Sorria ao lembrar desses tempos loucos, de juventude, solidariedade e idealismo, onde os 12 km de distância entre Auroville e Pondicherry pareciam a distância entre a terra e a lua. Uma Índia conservadora e machista via nascer em seu solo uma terra libertária onde cerca de 300 rapazes e moças trabalhavam de igual pra igual, plantando árvores, cavando cisternas, construindo choupanas, amando, experimentando, cozinhando coletivamente

e meditando em prol do sonho de uma cidade aberta, protótipo da humanidade sonhada por Aurobindo.

Teve uma chance única de viver em dois planetas ao mesmo tempo: Auroville e o resto do mundo, com suas imensas diferenças entre países e culturas. A Índia, quase um planeta à parte, com sua história multimilenária e sua coleção de línguas e fronteiras entre estados, era sua pátria. Sua profissão a tinha levado inúmeras vezes a outros continentes, particularmente à Europa, como artista pioneira na reciclagem de materiais. Sua família, que morava tão perto e lhe visitava sempre, lembrava-lhe o tempo todo a tradição indiana, ao tempo em que acompanhava de perto sua aventura de cidadã do mundo. Seu doutorado em Paris, que durou mais de uma década de idas e vindas entre Índia e França, proporcionou-lhe uma visão aberta sobre o que acontecia com a humanidade ao longo de quase um século. As cinco línguas que dominava perfeitamente, o tâmil - sua língua materna - o hindi, o francês, o inglês e o alemão lhe davam uma oportunidade extraordinária de ver diferentes visões e versões dos assuntos do mundo em jornais, revistas e, nos últimos tempos, exclusivamente pela internet.

Auroville tinha sido sua grande obra, o desafio de uma vida, em meio a tantas outras vidas extraordinárias que participaram da fundação e co-criação da cidade.





**Auroville: a cidade da aurora  
prevista por Sri Aurobindo**

Quando a “Mãe”, Mirra Alfassa, a francesa revolucionária, companheira espiritual do filósofo e patriota indiano Sri Aurobindo, decidiu fundar a utópica Auroville, miraculosamente teve apoios nacionais e internacionais. Uma conjuntura auspiciosa, que muito deve à tenacidade dessa mulher e a reputação de seu parceiro e mestre, já morto nesse momento, fez com que a UNESCO apoiasse e divulgasse seu projeto no mundo todo e que o governo da Índia doasse parte da terra onde se erigiria o sonho da aurora. A cidade experimental que representaria a busca da “unidade humana” - como diz sua carta de fundação, escrita de próprio punho pela “Mãe” - teria como objetivo ajudar as pessoas que aí habitariam a desenvolver-se como ser no mundo exterior e de desabrochar em suas possibilidades interiores. Quando ouviu falar do projeto de Auroville, ainda adolescente, Indra se perguntou imediatamente: como não participar dessa maravilhosa visão da Mãe, sua professora e mestre, que queria materializar as ideias de Sri Aurobindo? Como não dedicar sua vida a essa incrível experiência de criar o futuro no presente com outros visionários e visionárias? Sabia que sua família tradicional e principalmente seu pai seriam contra, por ela ser mulher e querer seguir um destino incomum e muito emancipado para aquele tempo e lugar. Apesar da atmosfera pesada na família depois de partilhar seu desejo, sentiu o apoio secreto de sua mãe aliando-se à sua determinação pessoal de seguir o destino que escolhera. Casou-se com o projeto e a vida de Auroville e seus filhos foram as centenas de

estudantes que teve durante toda a vida. Foram 80 anos dedicados a esse sonho, e sabia que teria ainda alguns mais.

O grande e sagrado banian tinha crescido imensamente nesses 80 anos e hoje cobria uma superfície enorme. Ao lado dele, a grande esfera dourada do Matrimandir, o centro espiritual de Auroville, continuava a lhe maravilhar, assim como seu amplo salão branco interior que acolhia visitantes e aurovillianas. Os para meditar desde 2008. Discretamente olhou para os lados e viu centenas de pessoas silenciosas, a maioria sentada em posição de lótus como ela, em uma introspecção profunda, buscando receber instruções divinas diante do desafio de manutenção do Estatuto de Auroville, mas buscando também conectar-se com as energias da comunidade. Sempre tinha gostado desses momentos, mesmo que nos últimos anos eles significassem principalmente a despedida silenciosa de seus amigos e amigas dos primeiros tempos. Ela era uma das mais jovens a fundar Auroville e quase todos os seus companheiros e companheiras de destino já tinham deixado a Terra.

Mas novas gerações tinham vindo do mundo todo co-construir o sonho da “Mãe”. Lembrava o rosto doce dela, tanto quanto seu olhar desafiador se um interlocutor desavisado ousasse dizer que seu sonho não tornar-se-ia realidade. Mirra Alfassa, como o mundo não aurovilliano a chamava, nunca chegou a morar em Auroville, já estava muito velha, mas

acompanhava tudo do Sri Aurobindo Ashram, que ajudou a construir e onde viveu a maior parte de sua vida. Para Sri Aurobindo e para a comunidade de Auroville era ela “A Mãe”, um símbolo. Indra lembrava-se perfeitamente de sua imagem, como acontece com os velhos que lembram mais dos tempos de criança e juventude do que dos tempos de hoje, e a ideia de “Mãe” confundia-se em sua memória com as deusas primeiras da humanidade, aquelas que sustentaram as sociedades “gilânicas”, igualitárias, pioneiras da História, como tinha aprendido com Riane Eisler.

Essas deusas tinham sido o objeto do seu trabalho artístico durante toda a vida. Fizera imagens das deusas primitivas com todo tipo de material: em princípio de argila e palha, de pedra e madeira, o que achava no deserto que era a terra de Auroville dos primeiros tempos. Quando expôs

---

### Carta Constitucional de Auroville

- 1) Auroville não pertence a ninguém em particular. Auroville pertence à humanidade como um todo. Mas para viver em Auroville é necessário ser o servidor voluntário da Consciência Divina
- 2) Auroville será o lugar de uma educação sem fim, de um progresso constante e de uma juventude que nunca envelhece.
- 3) Auroville quer ser a ponte entre o passado e o futuro. Aproveitando todas as descobertas interiores e exteriores, Auroville dará um salto decisivo em direção a realizações futuras.
- 4) Auroville será um lugar de pesquisas materiais e espirituais para uma manifestação concreta e viva de uma Unidade Humana real.

Mirra Alfassa – A Mãe

28. 2. 68

### Charte d'Auroville

1) Auroville n'appartient à personne en particulier. Auroville appartient à toute l'humanité dans son ensemble.

Mais pour séjourner à Auroville, il faut être le serviteur volontaire de la Conscience-Divine

\*

2) Auroville sera le lieu de l'éducation perpétuelle, de progrès constant et d'une jeunesse qui ne vieillit point.

\*

3) Auroville veut être le pont entre le passé et l'avenir.

Profitant de toutes les découvertes extérieures et intérieures, elle veut hardiment s'élancer vers la réalisation future.

\*

4) Auroville sera le lieu des recherches matérielles et spirituelles pour donner un corps vivant à une unité humaine concrète.





pela primeira vez em Paris, numa pequena galeria na Place des Vosges, de propriedade da mãe do seu namorado da época, Michel, impressionou-se com o desperdício daquela sociedade opulenta dos anos 80 e 90. Durante as estadias parisienses fez imagens de deusas de restos de camas, de roupas, de plástico, de papelão, de componentes de TVs e computadores quebrados...Viu o lixo da desmesura aumentar e aumentar e, de algum modo, pressentiu desde muito cedo o caos que esse modo de vida consumista e inconsequente iria construir.

Do seu mundo aurovilliano aberto para o planeta inteiro, viu o colapso ambiental se aproximar. Viu a mudança climática se estabelecer como uma realidade para toda a humanidade. Em 2011, o furacão Thane que assustou Auroville foi a gota d'água que ampliou sua compreensão do que estaria por vir. Quando milhares de árvores foram arrancadas pelos ventos - parte das milhões que a comunidade havia plantado no solo de Auroville, transformando-a de deserto em floresta - ela sentiu que algo estava muito errado. Nessa mesma noite experimentou um momento de pânico completo que mudou sua vida quando em sonho sentiu seu mundo ruir, uma força imensa e escura oprimir seu peito, sem possibilidade de saída. O pesadelo é tão vívido em sua mente hoje como no dia em que aconteceu. Ela, a desafiadora filha dos Chandramouli de Pondicherry, que ajudou a criar Auroville, a artista de vanguarda de técnicas inovadoras, que se lançou no mundo com uma obra de denúncia e reverência à Mãe Terra, sentiu medo de verdade pela primeira vez na vida.



The background features a stylized illustration of two hands, palms facing each other, rendered in various shades of blue. The hands are positioned centrally, with fingers spread, creating a sense of openness and connection. The overall aesthetic is clean and modern, with a focus on the theme of human interaction and support.

**O mundo de Indra:  
engajamento e solidariedade**

O sonho de Indra ficou conhecido em Auroville. Como era de costume na comunidade, visões tão fortes eram compartilhadas com amigos próximos e, quando percebidas como “sinais” eram partilhadas amplamente, boca a boca. O significado do sonho veio com muita clareza pra ela: a Mãe Natureza iria mostrar sua força sem limites e seus filhos teriam medo, sentindo sua pequenez e a insensatez da vida que levavam. Já naquela segunda década do novo milênio o clima estava instável, a poluição crescente, a vida nas cidades difícil e se falava muito em ecologia. Os ambientalistas e cientistas divulgavam prognósticos sombrios de aumento do nível dos oceanos, carestia de alimentos e raridade da água. Fora de Auroville, pouca gente queria ouvir falar nisso, mas ali, e em algumas poucas comunidades que já estavam exercendo outros modos de vida, todo.a.s estavam se preparando, de algum modo, para enfrentar o que estava por vir.

Pensou em como era estranho o comportamento humano. Nunca pudera entender seus conhecidos que preferiam ignorar que iriam envelhecer e morrer ao invés de preparar-se longamente para que isso acontecesse nas melhores condições possíveis. Acompanhou a vida de tantas pessoas que viveram destruindo a própria saúde com fumo e excesso de stress e de álcool ou drogas, com comida excessiva e industrializada, e perdendo um tempo precioso buscando só dinheiro e prestígio. Viu-as envelhecer doentes e vazias, muitas riquíssimas

com as aplicações financeiras no cassino global que se tornou a economia capitalista no final do século XX e início do século XXI.

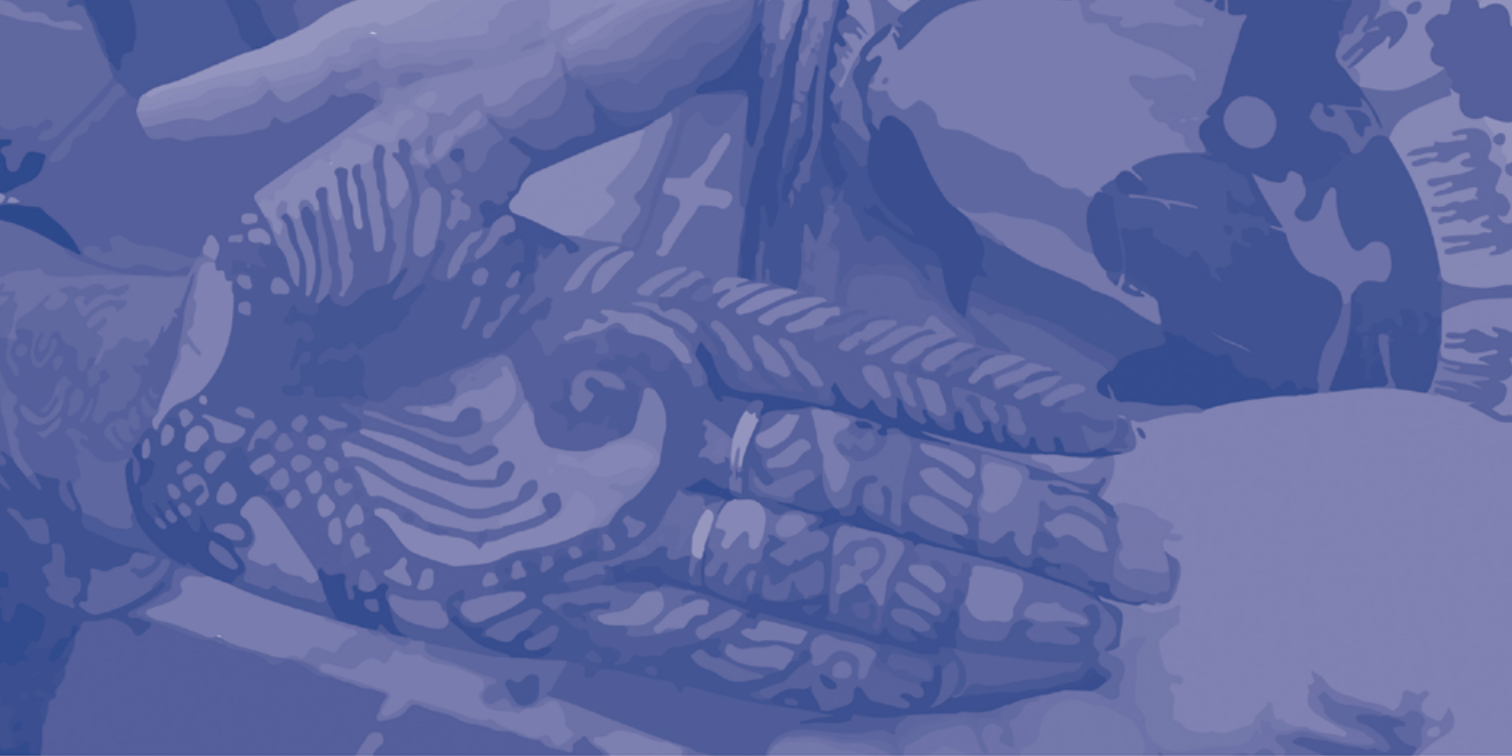
A maior parte das pessoas evitava pensar que iria envelhecer e morrer, do mesmo modo que ignorou os anúncios de pesquisadores sobre o fim das condições fáceis de vida na Terra. Assim, continuavam suas vidas, aprofundando o problema ambiental com seu modo consumista de viver, desconectado dos limites da Natureza. Indra não podia esquecer seus conflitos com Michel que, em seu deslumbramento consumista de novo rico, ignorava que seus modos excessivos estavam depauperando a Terra, e a si mesmo. O medo do fim talvez explique porque tantas pessoas tenham ficado surdas aos apelos de sobriedade, do mesmo modo como ignoravam a própria decadência física inevitável, que era antecipada por suas escolhas cotidianas

Indra vivia em outro mundo, pois o sentido da vida e as questões ecológicas eram o dia a dia dos aurovillianos desde os primeiros tempos. Pouca água, poucos recursos naturais, imensas dificuldades e a reverência ao sagrado fazia-os próximos à Mãe Terra e inspiraram a comunidade a criar um modo de mais vida simples e espiritualizado, que quase todos adotavam. Em Auroville, as pesquisas sobre alternativas para tudo trouxeram tecnologias “verdes” antes que o mundo falasse dessas coisas. Energias renováveis, programas de reflorestamento, a

famosa “cozinha solar”, que produz há décadas comida para toda a comunidade com a energia solar concentrada por uma imensa parabólica feita à mão, as técnicas de purificação de água usando apenas sua circulação por um vórtice poderoso, os programas incríveis de reciclagem que Indra ajudou a construir... Essas descobertas nasceram da tenacidade e criatividade de muitos e muitas, de seus ensaios e erros e das conexões intensas com gente de toda parte do mundo, trocando experiências e pesquisas de ponta. A visão de Indra sobre o crash fazia todo o sentido para os aurovilianos e eles aceleraram sua resiliência implantando a primeira cidade autônoma em energia. O combustível das motocicletas, tão usadas por todos, era feito com algas cultivadas na própria comunidade e a energia do dia à dia vinha do sol, dos ventos, da biomassa e das marés.

O peso do pesadelo fez Indra pensar cada vez mais no colapso já previsível, e para ela completamente real, e isso fez com que convencesse amigos a criar uma Escola para ensinar os visitantes de Auroville a terem um novo modo de vida, mais simples e durável, em transição - como se dizia na época - para uma sociedade sustentável. Nesses tempos, pouco antes do aniversário de 50 anos, Auroville já recebia milhares de visitantes por ano, pois era uma pérola destacada no movimento de ecovilas que não parava de crescer no mundo, acrescentando esse público ao seu tradicional encanto para os “buscadores” espirituais.





A Escola de Indra trouxe um serviço inédito também para a comunidade, pois conectava entre si a miríade de projetos que vicejavam em Auroville. Para cada uma das várias alternativas ao mainstream capitalista que existiam no planeta nesse tempo existia ao menos uma experiência aurovilliana exemplar: redes de economia cooperativa e solidária, produção de alimentos com técnicas permaculturais, recuperação de áreas degradadas, medicinas alternativas e tecnologias próprias para cuidar da saúde como a famosa água dinamizada de Auroville, práticas espirituais de todo tipo, as pedagogias mais inovadoras, as artes mais vanguardistas, os modos de governança mais

horizontais, as vivências do sagrado feminino mais profundas...O laboratório da “Mãe” funcionava a todo vapor.

De certo modo, para Indra, o colapso ambiental deixava de ser um pesadelo para ser promissor: sua vida cotidiana era dedicada à reciclagem artística e à formação para construir o mundo pós colapso, inteiramente em sintonia com o que sempre fizera na vida: viver conforme sua consciência. Se o mundo ia mal, só sua desestruturação permitiria o novo de se implantar, pensava, e trabalhava intensamente na sua Escola de Ecologia Profunda, junto com outros e outras, entusiasmados como

ela. Chegava a atingir cerca de 1000 pessoas por ano nas diferentes atividades da Escola: vivências de um dia, estágios semanais ou mensais e formações de um ano para aprender com o corpo, o coração, a mente e a alma. O laboratório vivo de Auroville e a participação de tantas pessoas locais na rede de formadores fazia da Escola uma usina de aprendizagem e trocas de experiências para gente do mundo todo. Essa gente se mantinha conectada numa grande rede social alternativa que só fazia crescer e se comunicava com outras experiências visionárias semelhantes, especialmente as oferecidas por ecovilas e comunidades alternativas internacionais que tinham o mesmo caminho de formação.

O presente desafio da população de Auroville, que os reunia nesse momento sob o banyan sagrado, era mais um dos inúmeros que viveram nas últimas três décadas. O maior deles foi o aumento da população da cidade de 2.500 na época de celebração dos 50 anos, em 2018, para mais de 50 mil atuais, em 2046. A demanda de pessoas que queriam viver nessa cidade foi baixa por meio século, da fundação em 1968 até o início da década de 20 do século XXI. A exigência da proposta, que só oferecia uma vida modesta e de trabalho comunitário e não permitia a propriedade privada atraía muitos visitantes, porém poucos queriam – e podiam – passar pelos seus “testes” de perseverança e tornar-se moradores. Auroville

cresceu aos poucos, como uma cidade-floresta, uma comunidade com muita terra e pouca gente, mas gente ativa e realizadora. A busca de desenvolvimento espiritual e a devoção ao pensamento e ação dos fundadores, a Mãe e Sri Aurobindo, era real, variando em intensidade para cada pessoa, claro. O.a.s auroviliano.a.s buscavam superar-se e tornar-se seres humanos melhores, ultrapassando os limites da cultura individualista da sua época. Esse foi, e continua sendo, um dos desafios de todos.a.s.





As águas que assustam  
e trazem a mudança

Após 2020, no entanto, tudo mudou num crescendo assustador. Primeiro veio a onda leve de migração dos que começaram a perceber que o colapso era iminente e queriam um novo modo de vida. Entre esses muitos estudantes que passaram pela Escola de Indra e muitos familiares da comunidade aurovilliana, principalmente jovens, sobrinhos e sobrinhas, mas não só. O fluxo de pessoas “alternativas” vindas do mundo todo teve grande impacto na governança coletiva de Auroville, que seguia lenta em suas decisões pois buscava ao máximo o consenso. Essa governança teve que se reinventar para responder a uma demanda tão grande de pessoas em tão curto espaço de tempo e conseguir manter a horizontalidade. Enfrentaram o desafio e acolheram as pessoas que eram, ao mesmo tempo, esperadas - para fazer o sonho crescer até os 50 mil habitantes que foram planejados pela “Mãe” e pelo arquiteto Roger Anger - e evitadas, pois muita gente nova chegando fragilizava enormemente um modo de vida que passou 50 anos pra se implantar.

Em torno de 2030 Auroville já tinha quase 10 mil habitantes, multiplicando sua população por quatro em 10 anos. Mas esses primeiros a vir em massa vieram dispostos a cumprir as regras, tinham algum dinheiro de reserva, eram cosmopolitas e tinham um espírito inovador que não destoava do da cidade. A segunda onda de migrantes é que

foi desafiadora, por ser muito maior e ser formada por pessoas que não tinham nenhuma relação com a proposta da comunidade. Se os primeiros a chegar foram acolhidos nas casas dos parentes ou participaram da construção acelerada de moradias simples, quase iguais às cabanas dos primeiros tempos, incorporando-se rapidamente as dinâmicas de trabalho comunitário, os segundos amontoaram-se por anos no cinturão verde de Auroville.

Tudo começou com a crise mundial de imigrantes que chegaram à Europa entre 2015 e 2025. Sob protestos da cidadania local, os estados europeus receberam a contragosto milhares de pessoas que fugiam principalmente de guerras e da pobreza, colocando-os em campos de refugiados e mandando-os de volta assim que possível. Em torno de meados da década de 2020 Auroville estava em pleno apogeu, recebendo recursos do turismo e o impulso dos novos habitantes, que iam se integrando sem tantas dificuldades ao modo de vida local. Junto com a Rede Mundial de Ecovilas, e acompanhada por iniciativas pioneiras como Findhorn, na Escócia, Damanhur, na Itália, Christiania na Dinamarca, Terramirim no Brasil, entre outras, foi iniciada uma política global de acolhimento de imigrantes. Cada Ecovila receberia umas poucas famílias, de modo a ser exemplo de acolhimento para os países ricos que se fechavam cada vez mais à solidariedade



internacional. A “unidade humana” tão cara a Sri Aurobindo e tão importante para a cultura de Auroville, seria assim mais uma vez praticada. Mas o fluxo de refugiados não parou aí e associou-se aos efeitos da crise financeira mundial e da aceleração das mudanças climáticas, atingindo milhões de pessoas.

Nos países mais ricos, a desorganização dos mercados com o crash causado por um novo estouro da bolha financeira, similar porém muito maior que o de 2008, com reflexos imediatos nas bolsas de valores, e as primeiras ondas de subida dos oceanos trouxe grande instabilidade. A perda de confiança nas diferentes moedas que se desvalorizavam todos os dias e a incapacidade dos governos de lidar com a situação por sua fragilidade econômica e política foram a gota d’água para o caos. Indra deixou de viajar para suas exposições e workshops no exterior nesse período, pois a desvalorização colossal da rúpia indiana tornou essas viagens caríssimas. Somava-se a isso o risco crescente de turbulências severas nos vãos por causa das mudanças climáticas. Tudo era instável e cada vez mais perigoso e ela tinha muito o que fazer em Auroville.

Os que menos sofreram com a crise financeira foram os países menos integrados no capitalismo mundial, sobretudo os mais pobres, mas esses foram as grandes vítimas das mudanças climáticas que atingiram

gravemente a agricultura de subsistência e eram também os não tinham recursos para as obras de mitigação dos efeitos da desregulação do clima. Poucos lugares no planeta ficaram a salvo desses “terremotos” da história humana, mas foram também submergidos pelos refugiados em busca de sobrevivência. Este foi exatamente o caso de Auroville.

Com o degelo surpreendente rápido das geleiras dos polos e das montanhas mais altas da Terra, inclusive dos Himalaias, muitas cidades costeiras foram severamente atingidas em uma dinâmica de poucos anos. Os projetos em curso de enfrentar com tecnologia o aumento da temperatura com barreiras físicas aos raios solares e outras ideias grandiosas e distanciadas da Natureza foram atropeladas pela ira de Gaia. Grandes capitais litorâneas do mundo e outras tantas beirando rios de grande porte sentiram o impacto do aumento do nível dos oceanos - e dos rios - de modo contundente. Suas populações começaram a recuar para o interior, em princípio só na época das chuvas, depois definitivamente, esvaziando a maioria dos grandes centros. Como tinha sido previsto largamente, as inundações atingiram particularmente os países insulares, que desapareceram e a Holanda e Bangladesh, que por terem cotas abaixo do nível do mar, ficaram parcialmente submersos.



Por anos Indra acompanhou as notícias dos dramas da fuga dos povos aos poucos submersos e o alargamento progressivo dos deltas dos grandes rios: Rio Amazonas, no Brasil, Rio Mississipi nos EUA, Rio Amarelo, na China, do Rio Chao Phraya na Tailândia, do Mekong, no Vietnã, do Rio Níger, na Nigéria, entre outros. Ao se alargaram dezenas de quilômetros, eles destruíram cidades e toda a produção agrícola regional. Cidades costeiras e baixas como New Orleans, Rotterdam, Bangkok, New York, Ho Chi Min, Belém, Dhâka, Amsterdam, Veneza, o Cairo e Lagos foram severamente afetadas, mas todos os litorais de todos os continentes sofreram muito. Acompanhar o sofrimento e as peripécias da vida de seus amigos e aluno.a.s ao redor do mundo era, para Indra, como ver filmes pessoais ilustrando a grande tragédia humana em curso. Ver como a maioria dessas pessoas sobreviveu, criando soluções cooperativas, reaprendendo a plantar seu alimento, reinventando suas profissões e abrindo mão decididamente de seu modo de vida anterior, foi um privilégio.

Auroville, mesmo a poucos quilômetros do mar, como já vinha enfrentando há décadas antes do caos a penetração das águas do oceano Índico em seu lençol freático, tinha desenvolvido tecnologias inovadoras e simples que conseguiram superar o problema e mantê-la protegida. A cidade tornou-se duplamente conhecida no mundo: por ser acolhedora com os refugiados, por causa da política exemplar

que fizera e por estar relativamente protegida das inundações. Ao longo de décadas tinha construído um cinturão de milhares de pequenos dispositivos, buracos, para reter e infiltrar as águas pluviais e possibilitar o plantio de árvores. Na mesma lógica de simplicidade e trabalho coletivo, construiu também milhares de micro barreiras que impediam as águas do oceano de penetrar seu solo e subsolo.

Indra se lembra de ter sido destacada junto com centenas de outros habitantes para fazer a triagem e acomodação dos recém-chegados que iam para o acolhimento em tendas coletivas situadas no cinturão verde reflorestado e defendido por décadas contra a especulação imobiliária. Faltava tudo em Auroville mas os refugiados não paravam de chegar, buscando um acolhimento e uma segurança impossível de assegurar. Tudo era racionado e partilhado pois seria uma traição para com os princípios que fundaram a cidade a rejeição simples da massa dos chegantes. Se a convivência com a pobreza das comunidade próximas à Auroville tinha sido administrada com projetos sociais importantes, com a oferta de empregos e com conflitos superados aqui e ali, tudo era diferente agora. As pessoas que viviam no entorno tinham suas famílias, suas casas, suas terras e mantinham sua cultura, mas como não se sensibilizar ainda mais, pensava Indra, com quem tinha perdido tudo e batia à porta, pedindo socorro? Os refugiados eram recebidos pela brigada de acolhimento, da qual

Indra fazia parte. Ela os entrevistava, descobria as habilidades dessas pessoas e as indicava para atuar nas frentes de trabalho em que mais poderiam contribuir. Procurava ver em cada pessoa não um peso para a comunidade, mas uma riqueza que se somava pois traziam consigo talentos e jeitos de ser que, bem usados, promoveriam bem estar e abundância. Mas nem todos pensavam assim.

Temendo a destruição do projeto de Auroville, parte da comunidade queria refrear a qualquer custo a chegada da massa de desconhecidos que queria abrigo. A maioria esmagadora, no entanto, se empenhava na recepção dos refugiados e sabia que opor-se ao acolhimento era uma ideia egoísta, mas também inviável, pois não possuíam, por princípio, nenhum contingente de segurança militarizado. Auroville teve que enfrentar quase sozinha seu desafio pois o governo da Índia ocupava-se de outros refugiados: os vindos de Bangladesh, país vizinho inundado pelas águas e os desalojados indianos das áreas costeiras e as vítimas das inundações dos rios que desciam dos Himalaias. Todos demandavam mais e mais ajuda. A comida e a água rareavam nos grandes centros do mundo todo, já atingido pelas dificuldades na agricultura pelas mudanças climáticas e pela dificuldade de movimentação de cargas por longas distâncias por falta de combustível. A morte e a fome em grande escala nos primeiros anos pós crash fez esse tempo ser conhecido como o “Apocalipse”.





**A anástrofe se anuncia:  
superar a catástrofe**

A vida dos moradores de Auroville mudou por completo. Antes ela era atribulada com afazeres criativos e inovadores, mas existia uma certa calma interior, que foi sendo ameaçada pelos acontecimentos. A maioria tinha uma vida simples, mas com conforto e abundância, e para todos ela tornou-se muito mais frugal. Indra tinha se sentido desestabilizada com todo aquele frenesi para defender-se das consequências da invasão de gente que queria se integrar à experiência não por opção pelo projeto de vida, mas em busca de um lugar qualquer pra viver. Ao mesmo tempo, ela e tantos outros sentiam a atividade de acolhimento como essencial para respeitar a função primeira da criação da cidade, de acolher a diversidade humana. Toda essa vivência, de certo modo, renovava as raízes de Auroville. As meditações dos finais de tarde das quintas feiras na praça ao lado do Matrimandir, uma cultura de décadas, tornaram-se cada vez mais importantes, com aurovillianos buscando paz em meio ao caos e o apoio fraterno dos velhos amigos e amigas.

Auroville se virava integrando os recém-chegados na produção orgânica de alimentos, construção de cabanas familiares, produção de energia e gestão da água, prioridades absolutas. As milhares de tendas implantadas na área periférica da cidade causavam estragos de desmatamento e sujeira e só não pareciam com alguns campos de refugiados das Nações

Unidas porque ali havia uma população local acolhedora e com um sistema de governança coletiva horizontal que passou décadas para se desenvolver. Cada pessoa tinha um lugar no coletivo para suprir a sobrevivência, mas também para a organização, limpeza e embelezamento do lugar, assim como podia ter atividade nas novas cozinhas solares da comunidade. Essas tarefas juntavam-se ao cuidado pessoal de cada um com sua saúde e condicionamento físico, as atividades espirituais e artísticas que tinham tornado Auroville conhecida e que só se expandiam com tanta gente nova e isso preenchia o dia. Tudo gerido coletivamente, a princípio para estranhamento dos recém-chegados e depois com a aderência dos mesmos, dados os resultados de calma, trabalhos realizados e vida plena de sentido.

Na Europa e Estados Unidos, o caos foi imenso. Indra manteve-se acompanhando os acontecimentos pelas notícias das diferentes mídias, mas também pelos contatos telefônicos semanais com ex-estudantes de sua Escola e amigos e amigas de vários países por onde havia passado. Milhares de organizações, redes e movimentos da sociedade civil planetária tentavam ajudar-se mutuamente para enfrentar as imensas dificuldades com criatividade e solidariedade. Toda a articulação se dava pela internet, que já se tornara 3D e isso ajudava no sentimento de presença física em cada contato, mesmo

com pessoas do outro lado do planeta; as traduções simultâneas das diferentes línguas maternas ajudavam muito na comunicação. Os amigos de Indra das regiões mais ricas e desenvolvidas do planeta, que desde o começo da crise climática já denunciavam a viragem à direita de seus países que reprimiam a primeira onda de imigração, foram ativos participantes das rebeliões internas que buscavam reorganizar as estruturas dos Estados para mais solidariedade, democracia e ecologia. Por quase uma década o mundo viveu o caos e, logicamente, sobreviveram melhor os que tinham se preparado para isso, ou os que viviam uma vida tão simples que não tinham muito o que perder.

As falências dos bancos desorganizaram as economias. Num mundo globalizado e interdependente, ninguém ficou de fora, mas perdeu mais quem tinha mais. Os mais abastados, acostumados com uma vida de privilégios, foram muito penalizados, pela baixa resiliência em face da adversidade e uma onda de doenças psicossomáticas e suicídios assolou essa população. Quase imediatamente, em muitas comunidades que já conheciam as moedas sociais, sistemas de moedas locais e trocas de bens foram estabelecidos para organizar a sobrevivência, não sem grandes dificuldades no começo. A lógica “vamos sobreviver juntos” tornou-se a palavra de ordem para a reorganização das





estruturas sociais de modo mais cooperativo e solidário e, aos poucos, todos os sistemas que trabalhavam nessa direção foram sendo adotados, com particularidades locais, em cada comunidade. O slogan da Escola de Indra tinha uma semelhança com essa lógica: “Alegria de estar juntos pelo Bem Viver” e ela se sentia parte de toda essa construção.

As atividades da Escola de Ecologia Profunda baseavam-se fundamentalmente na compreensão, pela mente e pelo trabalho, daquilo que havia feito o mundo afundar e no que poderia reconstruí-lo em outras bases. Indra e a equipe da Escola, através de vivências, ajudavam as pessoas a reaproximar-se dos próprios corpos com observação

de si mesmas.os, exercícios, assanas, comida e bebida sãs; com isso cada pessoa reaproximava-se também da Natureza, da qual faz parte. Nos silêncios, descansos e meditações da Escola as pessoas aprendiam a dar tempo para o cultivo do próprio mundo interior, que propiciava que se desse asas à própria alma, dando-lhe espaço para seu imenso potencial. No campo afetivo, ao aprender a escutar e respeitar as próprias emoções em círculos de fala, teatro e outras artes, as pessoas aprendiam a conectar-se ao mesmo tempo com os outros e a vivenciar um espírito de comunidade genuíno, que se revelava no trabalho coletivo. Produzir de modo ecológico e cooperativo, com simplicidade e alegria os meios de vida e a



restauração da Natureza eram fonte de cura de espíritos perdidos ou adoentados.

A produção de alimentos ocupava qualquer espaço vazio nas cidades, nas margens das estradas e uma espécie de reforma agrária natural foi acontecendo, pois quem sabia plantar ensinava a quem não sabia, em qualquer terra disponível. Os sabores locais, as plantas que sempre estiveram lá e quase ninguém sabia que eram comestíveis tornaram-se fonte importante da soberania alimentar de cada comunidade. As mudanças nas culturas alimentícias por causa das mudanças climáticas levaram tempo pra se consolidar, mas foram uma saída importante para combater a fome. O famoso agronegócio, que tinha se tornado bem menor com o aumento de nível de consciência dos povos nas últimas décadas sobre as consequências de pesticidas e fertilizantes desorganizou-se completamente. As dificuldades energéticas e de suprimento dos insumos importados de outros lugares tornou o agronegócio inviável, assim como as pesquisas sobre produção de alimentos transgênicos de todo tipo, pois esses não resistiam às mudanças avassaladoras em curso. A permacultura deixou de ser um modo alternativo de cultivo de comida para ser o modo normal, por sua simplicidade e capacidade de produção e regeneração da Natureza.

Sim, nem tudo foi simples, lembra Indra pensativa. Em um primeiro momento, a ideia do “salve-se quem puder” parecia que iria se impor,

levando a conflitos pela posse de mananciais, de terras produtivas e da energia ainda disponível. O imenso arsenal de guerra existente no mundo parecia uma ameaça constante e a violência dos saques feitos por populações famintas a supermercados e lojas em geral em várias cidades do planeta traziam medo de que tudo degenerasse numa luta de todos contra todos. Isso se deu particularmente em sociedades que tinham vivido guerras em tempos recentes e não encontravam outras saídas. Entretanto, um poderoso fator de rejeição às lógicas de guerra foi a reação dos jovens, particularmente os rapazes, que não queriam virar “bucha de canhão” como aconteceu em todas as guerras ao longo da história.

Por estranho que pareça, as décadas de hedonismo e culto a si mesmo, tão criticadas pela comunidade de Auroville desde seu início, tiveram um efeito excepcional: ninguém queria morrer à toa e não havia doutrinação ideológica capaz de superar o respeito cada vez maior à vida, sobretudo a própria. As mulheres, e o que se chamou de “feminização do mundo” tiveram um papel preponderante em mudar a cultura de resolução de conflitos pela guerra ou de priorizar a competição em detrimento da cooperação. O corajoso trabalho de formiguinha realizado por elas em locais de conflito, por exemplo, desfilando juntas e buscando o diálogo, desafiou pelo mundo a lógica guerreira nutrida pela testosterona descompensada. Diante da imensidão dos

desafios que a humanidade estava vivendo, as pessoas mostraram seu lado melhor, confirmando o que a “Mãe” sempre tinha dito sobre o crescimento da solidariedade nos momentos de penúria. O slogan “Alegria de estar juntos pelo Bem Viver” fazia muito mais sentido do que o “Salve-se quem puder” e a pacificação veio junto com a superação da pura solução individual e familiar ou de grupos.

O exemplo mais expressivo desse processo veio justamente de onde menos se esperava. Na conflagrada região da Palestina e Israel, Indra acompanhou um movimento sem precedentes de jovens e crianças pela paz.

Diana, a filha de sua grande amiga Sônia, artista plástica e cineasta, tornou-se um ícone desse momento ao começar a produzir e divulgar pequenos vídeos feitos com telefone celular que, em sua ingenuidade e beleza, comoviam as pessoas. Diana falava de seu desejo de ser como as outras crianças do mundo que não cultivam ódios nem tinham inimigos. Espontaneamente jovens e crianças palestinas e israelenses buscavam-se umas às outras e filmavam-se nas ruas, falando de paz e abraçando-se. Isso provocou um tsunami político de questionamentos à uma história de guerra na região, nutrida pelos adultos, e sobretudo pelos homens.



A high-angle, top-down photograph of a diverse group of people holding hands in a circle. The image is monochromatic, rendered in shades of blue. The hands are the central focus, with fingers interlaced, creating a sense of unity and collective strength. The people's faces are partially visible at the bottom of the frame, looking towards the center. The background is a light, neutral color, making the blue-tinted figures stand out. The overall mood is positive and inclusive.

**A alegria de estar juntos para o Bem Viver**

De seu ponto de vista privilegiado de observação do mundo, Indra tinha visto a política mudar da água para o vinho, em um processo que parecia um castelo de cartas. A década de 20 tinha fornecido a energia impulsionadora das transformações exatamente porque a virada política à direita tinha assustado o mundo. Para aquelas.es que resistiram a essa virada conservadora, como Indra, foram tempos de muita dor, mas esses governos menos comprometidos com as demandas da sociedade foram caindo um após o outro, num movimento que ficou conhecido como a “onda islandesa”. Esse termo referia-se aos acontecimentos políticos na Islândia, entre 2008 e 2009, no qual a sociedade civil tomou o poder e reestruturou o Estado. No período a mídia pouco falou do assunto, mas o exemplo de vanguarda foi tomando cada vez mais amplitude histórica, na medida em que os Estados não conseguiam fazer face às demandas populares em meio ao caos climático e financeiro e as sociedades reagiam.

Indra participou ativamente de movimentos ligados à “onda islandesa”, redes planetárias da sociedade civil que lideravam movimentos sociais vividos localmente e articulados globalmente pela internet e nos quais a “política da amizade” e a “liderança de serviços” eram a espinha dorsal de um novo modo de fazer política. Esses movimentos foram aos poucos modelando a política local, nacional e as instituições internacionais. O conteúdo da ação dos coletivos cidadãos que vinham surgindo e afirmando-se há décadas em todo o mundo tinha sido criado em contraponto à lógica dos

movimentos organizados do século XIX e XX, com intenção de honrar suas lutas mas avançar para modelos mais cooperativos de atuação social. No século XXI as principais ameaças à humanidade atingiam a todos.as e não apenas aos mais pobres ou aos mais discriminados. Ao invés da lógica do “ser contra” simplesmente, a lógica do reinventar o mundo no território de vida de cada movimento. Ao invés da lógica da competição, inimizade e disputa, a lógica da busca do que une, da construção de redes cooperativas e interdisciplinares. A amizade, valorizada como um bem comum, e não apenas como uma prática pessoal, era a “cola” de confiança que nutria a articulação local, nacional e internacional, entre pessoas que atestavam pela amizade o compromisso real umas das outras com novas práticas e modos de vida solidários, ecológicos e democráticos.

As redes e movimentos se articulavam facilmente em todas as escalas territoriais, inclusive em diferentes países, em ações concretas e em projetos de reorganização da sociedade. A imensa teia de pessoas vinculadas à experiência de Auroville, implantada em tantos países que Indra tinha visitado em suas exposições, era uma dessas redes. A ideia de liderança articulava-se naturalmente com a demonstração cotidiana de capacidade de ação à serviço de um coletivo, de não apego ao poder, de possibilidade de servir em dinâmicas cooperativas e autogestionárias. Esse perfil era o passaporte natural para a responsabilidade de liderar cooperativamente a reconstrução da sociedade nesses tempos de fúria e as pessoas



com essas qualidades tinham também, Indra observava, um trabalho sobre si mesmas muitas vezes de cunho espiritual. Complementarmente a essa noção de liderança de serviço, cada vez mais disseminada nas organizações da sociedade civil, foi necessário reorganizar os modos de representação democrático e com isso a transformação dos modos de fazer política nas instituições do Estado.

Um dos modos mais comuns nesse tempo de reorganizar o sistema de representação popular para a tomada de decisão foi a de confiar na sabedoria do cidadão e da cidadã comum, formando parlamentos por sorteio. Profissionais das instituições de estatísticas de cada país organizaram chamadas públicas de pessoas escolhidas ao acaso e que representavam as diferentes características da população da cidade, do estado, da região, do país: tantas mulheres, tantos homens; tantos ricos, tantos pobres; tantos universitários, tantos analfabetos; tantos negros, tantos brancos e toda a série de subcategorias médias entre eles, que compunham, no final, um Parlamento com membros inteiramente representativo do território. Em locais com conflitos étnicos, a incorporação de suas demandas pela sua representação do parlamento foi importante fator de pacificação, assim como de construção de novos arranjos sociais em países de grande desigualdade histórica, como o Brasil, a África do Sul e os Estados Unidos.

Contrariamente aos parlamentos anteriores cheios de ricos, homens, brancos, etc., esse.a.s

representantes do povo não tinham privilégios e ganhavam o salário da média da população. Na Índia, o parlamento mudou de cara completamente e as castas inferiores tomaram o poder. Quase todo o grupo de estudantes indianos da Escola de Indra se voluntariou para serem assessores desse.a.s parlamentares sem experiência e sem formação profissional, mas profundamente vinculados à defesa da sobrevivência das pessoas e à partilha de recursos. Em Auroville, Indra sempre tinha trabalhado pela abertura do imaginário político para que a comunidade pudesse estar à altura das expectativas de modo de governo expresso pela “Mãe”, de uma anarquia divina. Estar conectado com uma inteligência maior que a do ego de cada um.a, portanto, conectado com o coração e com a divindade em si mesmo.a eram chaves para bem governar, e qualquer pessoa, portanto, podia se prestar a esse serviço.

Com a crise, muitos governos nacionais demoraram de se reorganizar, e uma democracia local, participativa e direta foi a forma mais comum de gerir a vida do dia a dia, lá onde as pessoas moravam e tinham suas demandas. Indra se lembra de como se deu conta um dia de que a prática democrática de Auroville - e de muitas outras comunidades ditas “alternativas” antes do colapso - de reunir seus habitantes para decidir temas e, antes das discussões, começarem por fazer silêncio juntos, foi se tornando uma prática internacionalmente vivida, e não só em pequenas cidades. As variações de tempo e forma dessa meditação prévia tinham a ver com as diferenças culturais

e religiões da cada nação ou comunidade. Entretanto, a ideia de buscar inspiração em algo além de sua própria pessoa, maior que seus interesses particulares, familiares ou de grupos, tinha se disseminado como um caminho de concórdia e amorosidade para enfrentar a penúria e as ameaças de barbárie, do cada um por si e que vença o mais forte.

O.a.s parlamentares de novo tipo tinham profunda confiança nos movimentos locais da sociedade civil que tinham levado décadas para se construir em novas bases políticas e contavam com eles para tomarem as decisões necessárias. Após redigir novas constituições, de modo geral esses parlamentos escolhiam, de maneira indireta, nos primeiros tempos de caos, quem iria dirigir as funções do Estado, que se tornara mais profissionalizado e que era supervisionados por Conselhos de Sábio.a.s de cada nação. O modelo se repetia para estados, município e mesmo bairros. Cada “sábio.a” era indicado por movimentos para a eleição, escolhidos entre pessoas conhecidas e respeitadas por sua história de serviços, ali onde tinham dedicado a vida. A cidadania escolhia quem melhor poderia servir como “sábios.a”, e esses, assim como os parlamentares escolhidos por sorteio, eram supervisionados pela população diretamente em seu trabalho, pois ela tinha acesso pela internet aos encontros, comissões e decisões. Tanto a eleição de conselheiros.a.s, como todas as decisões importantes para as comunidades nacionais, regionais ou locais, eram tomadas por toda a cidadania, presencialmente ou pela internet,



através do modelo mundialmente praticado de democracia virtual. Nesse modelo, cada cidadão e cidadã tinha sua senha e cada tema a ser decidido tinha seus dados disponibilizados de maneira pedagógica em pelo menos três categorias de possibilidades: argumentos a favor, argumentos contra e argumentos que favoreciam a indecisão. Se os indecisos tinham certo peso na eleição, mais informações eram dadas, abrindo a possibilidade de novas opções, com sugestões vindas da própria cidadania e repetia-se a eleição. O objetivo era que a cada decisão se pudesse clarificar os conflitos, vistos como possibilidade de amadurecimento coletivo, e ir construindo consensos, etapa por etapa. Sim, as vezes tomava tempo, mas as decisões mais consensuais fortaleciam o sentimento de pertencimento e a execução do que foi decidido. A democracia virtual era complementar à democracia presencial das assembleias e das eleições diretas e estava em constante aperfeiçoamento.

O foco no mundo todo era amparar as vítimas das catástrofes climáticas, tanto as de natureza aguda, que vinham súbitas e destruíam tudo - como os tornados, ciclones e as inundações - como as de natureza crônica, que se instalavam e se repetiam, como as secas, a desertificação e o próprio aumento do nível dos oceanos. Os ciclones se tornaram muito mais frequentes, atingindo principalmente os Estados Unidos, a Indonésia, Filipinas, Índia, Japão e a Austrália. A desertificação atingiu toda a área sul do Sahara, comida pelo deserto, mas também muitas outras regiões do planeta, que já estavam com seus ecossistemas fragilizados, como as regiões semiáridas. A inventividade e as ações de pequena escala e grande impacto, realizada por milhares de pessoas juntas, como pequenas barragens, replantio de árvores, recuperação de velhas sementes resistentes, têm sido a tônica da reconstrução, desde o crash. Pessoas simples, com egos mais harmonizados e capacidade de agir aqui e agora tornavam-se preciosas.







**A Mãe Terra reencontra seu equilíbrio**

Os refugiados de Auroville eram constituídos majoritariamente de camponeses produtores de alimentos impedidos de trabalhar, e isso foi uma dádiva para a população local, pois a produção alimentar cresceu o suficiente pra alimentar a todos, com o cosmopolitismo alimentar que sempre caracterizou a cidade. Em suas andanças pelo mundo, Indra tinha testemunhado a cultura humana se tornar cada vez mais cosmopolita. Os índices de alfabetização e de conexão à internet, que cresceram sem parar desde o final do século XX, atingiram um patamar de quase 100% da população do mundo na década de 2040. Pensando nos camponeses que chegaram a Auroville, Indra lembrava que eram pessoas desesperadas, sim, mas que a maioria tinha frequentado a escola, sabia o que se passava no mundo e se sentiam portadores de direitos, após quase 100 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O aumento da escolaridade mundial e a circulação livre de informação por um meio acessível e plural como a internet tinha mudado muita coisa no planeta e sido um aliado potente na reconstrução, que vinha se fazendo sem “senhores” e sim usando os talentos de cada pessoa.

O regime de chuvas e secas que tinha mudado aos poucos em muitas áreas do mundo se tornou uma realidade estabelecida e cruel, atingindo os grandes produtores de comida, particularmente países da África Equatorial e do Mediterrâneo, Rússia, Estados Unidos,

Brasil, Argentina e Índia. Felizmente essa produção de alimentos do agronegócio decadente era voltada historicamente para alimentar os animais. As pessoas sempre foram alimentadas e continuaram a sê-lo pela pequena produção familiar e local, que sofreu enormemente com as mudanças climáticas, mas, sendo de pequena escala, conseguiu se readaptar com os anos, mudando as culturas para variedade mais resistentes ao novo regime climático. Indra tinha visto o regime alimentar da Índia, milenarmente vegetariano, tornar-se aos poucos majoritário no planeta, não por questões religiosas, como era em seu país, mas porque era mais barato, mais saudável e respeitoso da vida. As descobertas científicas sobre a sensibilidade e inteligência dos mamíferos tinha levado a uma mudança gradativa do regime alimentar da nova geração, que se tornara praticamente vegana.

A mudança no regime alimentar planetário estava sendo um alívio contra as doenças causadas pelo excesso de alimentos de origem animal e também responsável pela diminuição das enfermidades derivadas dos pesticidas e estava ajudando a construir uma geração com chances de chegar aos 120 anos de média de vida. Além disso, foi um dos motivos de diminuição da pressão humana sobre o meio ambiente. Viu-se que era plausível o convívio da produção de muitos vegetais com a manutenção das florestas, o que não é possível com a pecuária. O conceito de “agrofloresta”,

ensinado aos refugiados em Auroville pelas brigadas de acolhimento das quais Indra participou e praticado em tantas outras comunidades alternativas no início do século XX, tornou-se uma técnica mundialmente conhecida e isso ajudou no restabelecimento de muitas florestas., Mesmo assim o clima global demorou a dar sinais de que poderia se recuperar.

A questão da temperatura foi um drama à parte. Todo o planeta se aqueceu e isso se deu aos poucos, mas os países do Norte sofreram muito mais. Não só pela temperatura em si, que passou a chegar a mais de 50 graus em várias partes da Europa no verão, mas pela pouca resiliência das populações. Os aparelhos de climatização amenizaram o

calor dos primeiros tempos, mas tornaram-se obsoletos pela escassez de energia. As populações dos países tropicais tinham maior resiliência histórica pois temperaturas acima dos 40 graus não eram incomuns em Pondicherry ou no Rio de Janeiro e assim as pessoas se adaptavam melhor ao calor. As secas e as altas temperaturas causaram incêndios trágicos na Europa, Rússia e Estados Unidos, cujas redes de comunicação, muito mais bem estruturadas antes do “Apocalipse”, davam visibilidade às cenas impressionantes de fogo e fuga de populações. A destruição de vidas e de patrimônios desses tempos marcaram simbolicamente o imaginário da humanidade impulsionando o desejo de mudanças profundas nos modos de vida.



Muitos documentos e filmes que no início do século antecipavam as características do colapso que estava por vir passaram a ser lidos e consultados. Os filmes “A era da estupidez” e “Uma verdade Inconveniente”, entre outros, tornaram-se clássicos por terem mostrado com clareza os dados do colapso que estava por vir. A maioria das pessoas tinha se mantido alheias às previsões, mas quando foram mostrados no Cinema Paradiso em Auroville, lá pela década de 2010, Indra não se lembrava mais quando, os filmes tinham causado profunda impressão, principalmente nos adolescentes da Future School, onde ela dava aulas de arte. Os relatórios do IPCC, painel que reunia climatologistas do mundo todo e que desde o início do milênio tinham feito o possível para divulgar amplamente suas pesquisas e previsões, tornaram-se de consulta obrigatória. Do mesmo modo, os antes quase desconhecidos “Atlas das mudanças climáticas” realizados pelos cientistas do PNUÉ, programa da Nações Unidas para o meio ambiente, que previam meticulosamente onde tudo iria acontecer tornaram-se “best sellers”. Feitos para alertar, esses materiais passaram a ser úteis para tentar mitigar tragédias humanas anunciadas com clareza cristalina muitos anos antes de acontecerem, e cujos alertas foram ignorados.

E as tragédias não foram só humanas. No turbilhão dos acontecimentos, a contagem da perda da biodiversidade ficou parada no tempo, como de resto quase toda a pesquisa científica

que ficou temporariamente perturbada, e percebeu-se depois que os animais sofreram ainda mais que os humanos. Se de um lado a mudança no regime alimentar da humanidade, que passou a ser mais local, mais vegetariana e mais sóbria, poupou a vida de milhares deles, por outro lado os eventos extremos e a mudança do clima não os tinha poupado, assim como a derrubada intensa de florestas, uma das causas das mudanças climáticas, tinham sido devastadoras para eles. A reconstrução estava em curso, para gentes, bichos e plantas.

O debate sobre o “ponto de não retorno”, ou até quando o sistema Terra aguentaria, e sobre a capacidade de resiliência do Planeta como um todo tinha sido uma capítulo à parte de todo o período antes do colapso. Os cientistas acertaram muito e erraram muito também, sobretudo sobre os tempos da Mãe Natureza: quando ela quiz, tudo se acelerou para o desastre, mas também quando ela quiz, o tempo de florescimento das iniciativas de reconstrução estava sendo mais rápido do que o previsto. Por décadas Indra e seus amigos da Escola de Ecologia Profunda tinham defendido a ideia de que os sistemas complexos, como Gaia, não podem ser compreendidos apenas pela mente, com instrumentos de medida e modos dualistas de pensar. Como dizia em suas aulas, lembrava Indra, “é necessário incluir o coração e aguçar a empatia e a intuição pra melhor enxergar o todo e sua interdependência”.



Entre os tempos do colapso financeiro e climático e a época atual de consolidação de uma nova civilização, cerca de 20 anos, um salto importante foi a organização urbana do mundo, pois as megacidades se tornaram inviáveis. Como no tempo do colapso do Império Romano, em que a maior cidade da época, Roma, com um milhão de habitantes na época de Cristo, esvaziou-se para cerca de 40 mil quinhentos anos depois, o esvaziamento das megalópoles foi espetacular. Os seus modos de vida já eram insustentáveis há muito tempo, pela absoluta dependência de energia, alimentos e água em quantidades cada vez mais difícil de assegurar, gerando uma verdadeira “deseconomia de escala”. A evidencia da insustentabilidade das metrópoles ficou clara já na primeira leva de refugiados, que trouxe estudantes e parentes dos aurovillianos para morar na cidade.

Esses primeiros “refugiados” vinham em sua maioria de grandes cidades do mundo e relatavam como a comida estava cara, a mobilidade inviabilizada, o estresse crônico e a violência crescente. Com a agravamento da crise e a falta de energia e matéria prima, as grandes distâncias a serem percorridas, os prédios altos com elevadores desativados, o modo de vida cheio de desperdício, o medo da violência, etc. transformaram a vida em um suplício e quem pode foi embora. Ainda hoje, Indra pensa, lembrando de Chennai, ali perto, ainda há bilhões de toneladas de materiais para serem deslocados das áreas urbanas abandonadas para os arredores. Num trabalho de formiguinhas, indianos e gente do mundo todo vêm transportando esses recursos das megálopes para as cidades menores circunvizinhas para reconstruir suas vidas.





Um raio de sol que  
anuncia um novo mundo

Manter as estruturais sociais funcionando e direcionar toda a energia das populações para a produção de alimentos e reparação dos danos ambientais era a prioridade de todos os governos cidadãos. Havia trabalho para todo mundo, mas muito pouco emprego propriamente dito, e a maioria das pessoas trabalhava coletivamente por comida, habitação, água, energia e serviços sociais, num modelo parecido com o que Auroville tinha desenvolvido desde sua fundação. Após muitos episódios de violência, a energia humana foi massivamente focada na reconstrução. Estranhamente, muitas pessoas, ao olhar esse período, não pensa nas coisas ruins, mas no movimento solidário que tomou conta do mundo. Indra via a semelhança entre esse tempo e o tempo dos primeiros hippies de Auroville. Os conflitos diminuíram porque ninguém tinha tempo a perder com bobagens. O trabalho era imenso e uma fonte impressionante de recursos para a reconstrução foram os aterros sanitários e os lixões, os resíduos plásticos de um século de excessos voltaram à vida com técnicas das mais simples, reciclagem, às mais sofisticadas, produção de combustível por reconstituição química dos materiais de origem. Essa tinha sido a contribuição mais importante de Indra nos tempos de reconstrução, acostumada que era em ver riqueza onde os outros viam

lixo. Ela coordenava brigadas de triagem de lixo com os refugiados de Auroville e assim, como resultado do lixo ter virado recurso importante, miraculosamente o mundo foi ficando cada vez mais limpo.

A ideia de “salto quântico” é uma possibilidade de explicar esse período. Como nos elétrons, nunca é possível prever quando eles saltarão de um orbital a outro, quando passarão a outro nível, mas sempre é função de uma energia recebida. O salto de amadurecimento após o longo tempo de adormecimento humano poderia não ter acontecido, mas a energia que estava sendo acumulada nos “subterrâneos da sociedade”, nas iniciativas como a de Auroville, estavam criando novas possibilidades para a vida. Foi muito claro observar que nos locais do mundo onde existiam experiências inovadoras de convívio social, realidade locais fortes, organização comunitária intensa, as consequências do caos foram menos pesadas e a reestruturação se fez mais rapidamente. Não que tudo tenha voltado à normalidade, aliás, nada mais é “normal”, no normal de antes, dava-se conta Indra. A proposta de mudança do Estatuto de Auroville pelo governo da Índia, que tanto lhe preocupava assim como aos demais habitantes da cidade, tem um argumento forte: Auroville não é mais um laboratório, seu modo de vida, sua



cultura, sua espiritualidade, suas tecnologias foram exportadas maciçamente, fusionadas com outras experimentações, imbricadas com outros saberes locais, tornando-se tecnologia social para a construção do pós capitalismo. Talvez, Indra pensava, aceitar a proposta governamental de tornar-se uma cidade comum não fosse uma derrota para os habitantes de Auroville, mas a comprovação de que seu experimento tinha dado certo. Estava inspirando o mundo.

Fazendo esse balanço, uma alegria calma tomava conta de Indra. Sim, foi um tempo duro o período de sua existência, mas ela era imensamente grata. Grata por ter tido a inspiração da Mãe e de Sri Aurobindo tão cedo em sua vida, e a guiança da concepção deles de que a vida é um experimento para que cada um encontre em si sua missão e para assim poder evoluir em consciência e ação para um mundo mais amoroso. Grata por ser indiana e cidadã do mundo ao mesmo tempo e ter podido assistir a tantos desafios que a humanidade enfrentou, e continuará a enfrentar, com os pés na terra da pátria de sua amada família e o coração conectado com a Mãe Terra e seus filhos e filhas. Grata por ser ela mesma, por ter tido sempre a coragem de ser quem ela era no fundo de si mesma, sem hipocrisias e concessões que lhe teriam feito perder a

oportunidade de avançar. Grata a seus amigos e amigas, companheiros de jornada, pelo amor compartilhado, pelos desafios enfrentados, por ter se sentido sempre parte de algo. Grata à cidade de Auroville, essa realização da vontade humana da qual ela fizera parte, grata ao Matrimandir e ao banian sagrado, onde estava sentada em posição de lótus, nesse momento importante. Sentia as pernas um pouco dormentes, pois a meditação estava durando quase uma hora. Sorria para si mesma: tinha quase cem anos, sua mente tinha vagado, ao invés de concentrar-se, era normal seu desconforto. Em breve iria descansar.



Esse pode ser um livro coletivo, caminho de ecologia e cooperação. Após lê-lo, se você quiser, escreva seu nome e e-mail em uma linha e passe-o adiante.  
Obrigada!



A sheet of white lined paper with horizontal blue lines and a diagonal watermark reading "escolanotas.com.br". The paper is slightly tilted and appears to be resting on a dark blue surface. The watermark is repeated across the page in a diagonal pattern.

Esse conto fala do futuro do planeta através da história de Indra, cidadã do mundo. Ao invés de negar o colapso ambiental e civilizacional, ela o aceita como uma oportunidade única de reconstrução do mundo em outras bases. Indra é parte das pessoas que escolhem viver como gostariam que o mundo fosse, que transformam-se para que o mundo possa se transformar. Já quase centenária, ela nos conta o que aconteceu e mostra como valeu a pena. A história de Indra, que vive na cidade de Auroville, na Índia, em 2046 é o conto que acompanhará o último capítulo do livro “A humanidade em evolução”, em elaboração e mostra um futuro possível.